



“QUE TIME É TEU?”: O BULLYING E A HOMOFOBIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Wanderley Gomes de Oliveira ¹

RESUMO

A homofobia é um fenômeno apresentado constantemente na sociedade, nas escolas bem como nas aulas de Educação Física devido aos padrões de gênero e sexualidade. O presente trabalho teve como objetivo investigar a ocorrência de atitudes homofóbicas em aulas de educação física escolar. Este estudo corresponde a uma pesquisa de cunho qualitativo, realizado por meio de entrevistas, tendo como participantes 16 alunos do 3º ano do ensino médio de diferentes escolas públicas na cidade de Macapá e Santana no Estado do Amapá. Diversos casos nas aulas de Educação Física exemplificam atitudes de preconceito e discriminação sobre os alunos. Um aluno que tenha pouca habilidade motora para jogos com bola tende a ser vítima de apelidos discriminatórios, tais como “viadinho” e “menina”. Da mesma forma, a aluna que se destaca em atividades com bola pela habilidade motora tende a ser rotulada como “menino”. Durante a entrevista, notou-se a inquietação dos alunos entrevistados devido ao bullying, causado pelas suas orientações sexuais. Os entrevistados também mencionaram a falta de preparo dos professores de Educação Física e as suas posturas sem intervenções, e a falta de inclusão sobre questões de gênero e sexualidade nas aulas. É notório situações de homofobia nas aulas de Educação Física, pautadas por práticas de violência que passam a atingir a integridade, tanto física quanto social, dos alunos considerados como “diferentes”. Os docentes precisam estar preparados para que possam agir de forma mais inclusiva através de Metodologias Ativas diante de questões da sexualidade na escola.

Palavras-chave: Homossexualidade; Homofobia; Práticas Pedagógicas; Educação Física.

INTRODUÇÃO

A homofobia é um fenômeno apresentado constantemente na sociedade, nas escolas bem como nas aulas de Educação Física devido aos padrões de gênero e sexualidade. São questões complexas e atuais que devido às manifestações existentes se tornam evidentes, e por sua vez dificultam o desenvolvimento dos educandos diante das práticas pedagógicas. Atualmente, a escola recebe uma diversidade de alunos de diferentes classes e grupos sociais, etnia, gênero, com deficiência física ou mental, e, também, com diferentes orientações sexuais.

¹ Pós-graduando em História e Cultura Afro-brasileira; Avaliação Física, Ortopédica, Esportiva e Funcional; Especialista em Docência no Ensino de Educação Física pelo Instituto Brasileiro de Formação, UNIBF; Licenciado pelo Centro de Ensino Superior do Amapá, CEAP, Macapá, Amapá.
E-mail: wanderleyleo.edf@outlook.com



Atualmente, a escola recebe uma diversidade de alunos de diferentes classes e grupos sociais, raça/etnia, gênero, com deficiência física ou mental, e, também, com diferentes orientações sexuais, dentre estas, podemos destacar que os homossexuais também estão presentes na escola, e muitas vezes sofrem preconceito e discriminação por se desviar da sexualidade considerada padrão. Desse modo, a sexualidade e o gênero estão presentes na escola mesmo não tendo um espaço no currículo oficial através de uma disciplina, de um programa ou projeto de educação sexual. Até mesmo quando a escola não fala sobre o assunto, a sexualidade e o gênero estão presentes, por meio das regras e normas de conduta, dos valores, dos códigos, dos padrões, dos silenciamentos, das proibições (GODOI, 2009).

Vale destacar que, em muitos projetos e propostas educacionais atuais, o termo diversidade tornou-se lugar comum. Sob essa denominação agrupam-se perspectivas inclusivas orientadas pelo reconhecimento de que os sujeitos são diferentes não apenas porque pertencem a diferentes classes sociais, mas, sobretudo, porque são produzidos também a partir de outros marcadores de identidade, tais como gênero, geração, raça/etnia, sexualidade, capacidade física, etc. Conforme Goellner (2010), reconhecer a diversidade significa aceitar a ideia de que ser diferente não significa ser desigual, pois, em nome desses marcadores identitários, muitos sujeitos têm sido excluídos de vários direitos sociais, inclusive o acesso e a permanência ao esporte e ao lazer. E poderíamos complementar, têm sido excluídos do direito à educação também.

A discussão sobre a discriminação de pequenos grupos nas escolas, principalmente homossexuais, vem ganhando espaço em pesquisas na área de educação e, especificamente, na Educação Física. Discriminação é uma atitude ou uma ação que objetiva diferenciar, distinguir e, em geral, prejudicar um grupo, tendo por base ideias preconceituosas. É o que ocorre com alguns alunos por apresentarem comportamento “diferente”, sofrendo humilhações, brincadeiras preconceituosas, piadinhas, agressões físicas e verbais, considerando que essas atitudes partem frequentemente dos meninos e rapazes, interferindo negativamente no aprendizado e podendo até levar esses alunos a se evadirem da escola.

Existem diferentes tipos de preconceitos, de raça/etnia, sexo, classe ou grupo social, e também a homofobia. Palavra grega fobia (medo) com o prefixo homo (igual), que caracteriza o medo e o resultante desprezo pelos homossexuais que alguns indivíduos sentem. Para muitas pessoas é fruto do medo de elas próprias serem homossexuais ou de que os outros pensem que o são. O termo é usado para descrever uma repulsa em face das relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, um ódio generalizado aos homossexuais.



De acordo com Borrillo (2010, p. 30-31), a homofobia está imbricada com o sexismo e o heterossexismo, enquanto o sexismo implica “tanto a subordinação do feminino ao masculino quanto a hierarquização das sexualidades”; o heterossexismo tem a especificidade de instituir uma “hierarquia das sexualidades”, na qual a heterossexualidade se constitui como a norma a partir da qual se avaliam as outras sexualidades, que passam a ser classificadas como “incompletas, acidentais e perversas” e, ainda, “patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização”. Assim, pode-se dizer que na lógica (hetero)sexista “a evocação constante da superioridade biológica e moral dos comportamentos heterossexuais faz parte de uma estratégia política de construção da normalidade sexual”.

Para Louro (1999), a homofobia é consentida e muitas vezes é ensinada na escola. Ela expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo, como se homossexualidade fosse “contagiosa”: cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para os sujeitos homossexuais. A aproximação pode ser interpretada como uma adesão a homossexualidade; o resultado é, muitas vezes, o que Peter McLaren chamou de apartheid sexual (apud LOURO, 1999).

A motivação para desenvolver esta pesquisa surgiu do pressuposto de que a escola e os professores nem sempre estão devidamente preparados para lidar com as situações de preconceito e discriminação que envolvem as diferenças de gênero e sexuais. Diante disso, houve a intenção de procurar saber mais sobre esse assunto.

Com base nessas considerações, o objetivo geral da pesquisa é investigar a ocorrência de atitudes homofóbicas em aulas de educação física escolar.

O artigo apresentado, buscou identificar as marcações sociais de diferenças de gênero e sexualidade por meio de algumas práticas escolares nas aulas de Educação Física. Buscou também compreender de que maneira jovens, que se autodenominam homossexuais, representam a Educação Física e como tais práticas impactam em suas vidas. Inspirados em estudos de inclinação pós-estruturalista, estudos de gênero e teoria *queer*, o bullying homofóbico, para o presente propósito, apresenta uma análise de três narrativas geradas por intermédio da realização de entrevistas semiestruturadas com foco nas experiências vivenciadas por nossos colaboradores em aulas de educação física na educação básica.



METODOLOGIA

Este estudo correspondeu a uma pesquisa exploratória de cunho descritivo, com abordagem qualitativa. A pesquisa de campo aconteceu no mês de abril de 2020, e o instrumento utilizado foram entrevistas virtuais com perguntas semiestruturadas, para os quais foi elaborado um roteiro, apresentando as propostas da pesquisa.

Participaram da pesquisa 16 alunos, sendo 12 homossexuais e 4 lésbicas, atualmente discentes do 3º ano do ensino médio de diferentes escolas públicas na cidade de Macapá e Santana no Estado do Amapá.

REFERENCIAL TEÓRICO

As pesquisas sobre bullying ainda são recentes, ganhando destaque a partir de 1990 (LOPES NETO, 2005). O fenômeno bullying, ainda é pouco estudado no Brasil e na Educação Física a produção acadêmica sobre o assunto ainda é escassa. De acordo com Lopes Neto (2005), o bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outros (as) causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

O bullying pode ser classificado como direto e indireto. O bullying direto, mais utilizado pelos meninos, é representado por apelidos, agressões físicas, roubos, ameaças, gestos que geram mal estar aos alvos. O bullying indireto, mais comum contras as meninas, é representado por casos de isolamento, indiferença, difamação e negação aos desejos (LOPES NETO, 2005).

Uma nova forma de bullying vem se manifestando nas escolas: o cyberbullying. São mensagens de celular, pager, sites de relacionamentos e blogs onde são usadas tecnologias da informação e comunicação para o uso de comportamentos repetitivos e hostis.

Geralmente as vítimas de bullying são alunos inseguros, desesperançados, que possuem baixa autoestima, possuem um comportamento estereotipado e tido como diferentes da maioria. De forma geral, as alunas se enquadram mais do que os alunos nestas características (LOPES NETO, 2005).

Segundo os estudos publicados por Botelho e Capinussú (2007) e Lopes Neto (2005), em sua maioria são meninos que têm algum tipo de problema familiar ou emocional aqueles que agem de maneira discriminatória com os colegas.



As vítimas de bullying podem sofrer para resto da vida com problemas emocionais e de socialização. Nas aulas de Educação Física, observam muitos apelidos de caráter discriminatório, quando por muitas vezes, os alunos/as são vítimas de preconceito de gênero e passam a sofrer com piadas maliciosas.

Neste contexto, características relacionadas às habilidades motoras são questionadas por colegas de forma errada. Daí os colegas chamarem uma menina que joga futebol de "sapatão" e um menino que tem pouca habilidade para jogos coletivos de "viadinho". Este tipo de discriminação é chamada de bullying homofóbico, ocorrendo geralmente contra alunos/as que cruzam fronteiras de gênero, ou seja, que através de suas características culturais são rotulados por não seguirem o modelo padrão imposto como norma pela sociedade, sendo confundidos e julgados de forma incorreta sobre sua identidade de gênero e orientação sexual.

A homofobia que muitas vezes está presente nas aulas de Educação Física, está relacionado ao conteúdo esportes. Destaca-se também discriminação por gênero, orientação sexual e expressão corporal bem como habilidades motoras.

A homofobia nas aulas é uma questão que vem se agravando cada vez mais, proporcionando desconforto aos alunos que não se ajustam aos padrões de gênero e sexualidade na cultura em que vivem. É fato que professores apresentam dificuldades como medo e insegurança bem como preconceitos próprios em abordar sobre sexualidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Existem vários relatos que apontam que a Educação Física se constitui como o espaço escolar de maior discriminação. Para alguns dos entrevistados, o professor foi o mediador responsável pelo afastamento de homossexuais das práticas esportivas, dentro e fora da escola.

Durante a entrevista, uma das primeiras questões feita aos entrevistados foi: Pensando no momento das aulas de Educação Física, você, quanto homossexual, houve alguma situação de discriminação por conta da sua sexualidade?

E1: Sim, sim. Estava no 1º do Ensino Médio, fomos para a quadra e tivemos aula de futsal, e durante a formação dos times, um dos alunos hétero disse



em voz alta que futsal é coisa de macho e não de "veadinho" [...] fui me afastando aos poucos do esporte.

E5: Foi ano passado, durante os jogos internos, eu não queria participar porque eu era constantemente xingado pelos outros alunos, mas fui obrigado a participar para ter nota no final do bimestre. Acabei fazendo gol no time adversário e o goleiro me agrediu, ele me deu um chute na perna, me chamando aberração. Depois disso, não participei mais do futsal na quadra.

E7: Quando eu estava na 8ª série, já usava maquiagem, e o cabelo até os ombros, e o próprio professor vinha com palavras pejorativas. Eu gostava de jogar queimada [...] o professor gritava "tu gosta de agarrar as bolas, né?" Ou quando eu era queimado, ele falava "queima a rosca dele, ele gosta" [...] hoje, no 3º ano, sempre invento desculpas para não participar.

Segundo Cunha e Melo (1996), situações como essas demonstram que não é o homossexual que não gosta de praticar as atividades, ao contrário, são os inúmeros mecanismos homofóbicos criados, os responsáveis por esse afastamento.

Esses argumentos nos auxiliam a compreender o relatado por nosso colaborador. Frente a uma prática esportiva predominantemente associada ao universo masculino, a presença de um sujeito que não expresse a masculinidade padrão compartilhada por determinado grupo aciona mecanismos de marcação de diferenças sociais que tendem a rechaçá-lo e registrar seu não pertencimento a determinado contexto. O sujeito construído como "diferente" passa então a ser policiado e, não raro, proibido de acessar espaços comuns ao grupo. Caso sua presença seja "necessária", motivada por algum interesse maior, como completar o número de jogadores de um time para que o jogo ocorra, a tolerância é instaurada, mas que essa seja constantemente marcada pela abjeção que materialize a diferença do sujeito para com seu grupo.

No decorrer da entrevista e interações entre os discentes, uma outra pergunta foi feita que se relacionava com a primeira: sobre o professor de Educação Física frente a essas situações de homofobia, bullying, preconceito e a discriminação, houve alguma intervenção nas práticas pedagógicas sobre essa situação?



E1: absolutamente não. Apenas falava "deixa ele jogar, ele também sabe". Eu jogava pela figura do professor. Mas ele nunca fez algo que construísse para a solução desse problema. Toda aula era a mesma coisa.

E8: Nunca fez nada. Mas quando fala é apenas pra deixar participar dos times, jogar o que quiser mesmo sob os questionamentos negativos e preconceituosos dos demais alunos. Uma vez, pra acabar com a confusão, ela dividiu o que é esporte masculino e esporte feminino. Cada um ficou de um lado da quadra. E eu querendo jogar futsal acabei ficando sentado durante a aula toda.

E14: Nem o professor e muito menos a escola ou a pedagoga. Na escola onde estou têm muitos alunos gays, lésbicas e até travestis que são constantemente alvo de gozações. Uma vez, foi um estagiário de Educação Física e falou sobre o assunto em uma palestra, teve algumas brincadeiras e uma peça de teatro. Foi muito bacana. Mas depois que ele foi embora, as coisas voltaram a ser o que era antes.

No que se refere a mediação do/a professor/a frente a uma situação de preconceito e discriminação, torna-se preocupante a omissão estabelecida. Seu posicionamento pode contribuir para legitimar a violência homofóbica nos espaços escolares. É notório que a banalização da homofobia a partir de sua formatação em piadas ou “brincadeiras” pejorativas acompanha esses/essas profissionais desde os tempos da formação inicial.

Ao professor/a de Educação Física cabe problematizar que o afastamento de determinadas práticas se refere, em muito, aos medos e receios de uma exposição que possa contribuir para o estigma e rechaço social de estudantes LGBTQIA+, vulnerabilizando-os/as frente ao grupo. A atuação docente deveria estar preparada para intervir frente a essas situações, pois, obrigar o estudante a participar de determinada atividade, ou “ameaçar” os dissidentes com possíveis medidas punitivas como, por exemplo, atribuir notas baixas aos estudantes que não querem realizar determinadas práticas, não se configura em uma medida efetiva que contribua para a reconstrução dos significados atribuídos pelos estudantes às práticas corporais vivenciadas na escola. Esse fato pode gerar, inclusive, a construção de experiências negativas e o afastamento das atividades corporais.

Há diversos casos nas aulas de Educação Física que exemplificam atitudes de preconceito e discriminação sobre os alunos. Um aluno que tenha pouca habilidade motora



para jogos com bola (futsal) tende a ser vítima de apelidos representados por metáforas discriminatórias, tais como “viadinho” e “menina”. Da mesma forma, a aluna que se destaca em atividades com bola pela habilidade motora tende a ser rotulada como “menino” (SILVA e DEVIDE, 2009).

Através dos relatos dos próprios discentes pode-se perceber que é predominante atitudes preconceituosas e discriminatórias nas aulas de Educação Física:

E4: Eu me assumir lésbica esse ano, antes de me assumir tive problemas sobre minha sexualidade. Sempre gostei de futsal, basquete [...] jogos predominantemente masculino, devido a isso fui apelidada de "macho fêmea" pelos meninos e meninas na quadra. Sempre diziam que eu "não gostava da fruta" apenas por ter habilidades mais desenvolvida no futsal do que em outros esportes.

E13: Eu ainda não sou assumido para a maioria da minha família. Mas amigos e parentes mais íntimos sabem da minha orientação. E na escola eu sofria e sofro discriminação devido a expressão de comportamentos e gestuais nos esportes. Me chamam de "bichinha enrustida", "fresco". Quando tínhamos que ir para a quadra eu tinha medo que a bola tocasse em mim e revelasse algo sobre mim, medo de saberem que eu sou gay.

Seguindo por esse mesmo caminho, os discentes entrevistados relacionam o fato do aluno do sexo masculino não possuir uma boa habilidade motora com uma suposta orientação sexual considerada “desviante”. Assim, usam apelidos discriminatórios tais como: “viadinho” e “menina” para justificarem a ação preconceituosa. Estes apelidos são etnométodos usados pelos alunos que vem de um processo de discriminação pautado na homofobia. Logo, sendo o futebol um esporte de reserva masculina, os alunos que têm pouca habilidade sofrem atitudes de imposição dos colegas para praticarem outros tipos de esportes e atividades.

O mesmo acontece com as alunas lésbicas, nas entrevistas, relatam que foram discriminadas por suas habilidades no futebol, chamando-as de “sapatão” e “macho-fêmea”. Além disso, há um machismo predominante nos alunos homens sob a mulher, o que gera um bullying pela identidade de gênero.



A omissão pedagógica por parte dos professores/as de Educação Física frente a situações de discriminação contra o considerado “diferente” se configura em um eixo formativo passível de ser problematizado.

A não intervenção docente em momentos nítidos de preconceito de gênero e sexualidade acaba por reiterar que a heterossexualidade e os comportamentos hegemônicos de gênero são os únicos a serem considerados válidos. Portanto, essas práticas são ferramentas que constroem a homofobia e a utiliza como “pano de fundo” para tecer as ações “educativas” escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que as marcações sociais de diferenças de gênero e sexualidade por intermédio das práticas pedagógicas da Educação Física instituem relações conflituosas e, por vezes, pautadas por práticas de violência que passam a atingir a integridade, tanto física quanto social, dos sujeitos considerados como “diferentes”. É necessário problematizar de que maneira, e ancorado em que tipo de conhecimento, esse componente curricular se estabelece (na escola ou fora dela) enquanto prática pedagógica que visa um trabalho formativo em suas dimensões motoras, afetivas, sociais, culturais e cognitivas.

O fato dos docentes apresentarem dificuldades em falar sobre sexualidade é uma fator que demonstra medo e insegurança para abordar tal temática. Há de haver políticas públicas para preparar o docente para que possa agir de forma mais objetiva e cautelosa com as questões da sexualidade na escola, afim de trazer o aluno para junto da turma e fazer com que ele seja incluído.

Todos os professores deveriam usar ferramentas como as metodologias ativas para reduzir a incidência de práticas homofóbicas não somente nas aulas de Educação Física, mas nas demais disciplinas.



REFERÊNCIAS

- BORRILLO, D. Homofobia: **história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BOTELHO, R. G; CAPINUSSÚ, J. M de S. O Bullying e Educação Física na escola: **Características, casos e estratégias de intervenção**. Revista de Educação Física, Niterói, v.2, n. 139, p.58-70, 2007.
- CUNHA JÚNIOR, C. F.; MELO, V. A. Homossexualidade, educação física e esporte: **primeiras aproximações. Movimento**. Porto Alegre, ano III, n. 5, p. 18-24, 2 sem., 1996.
- LOURO; G. L. Gênero, Sexualidade e Educação: **Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GODOI, M. R. Governo dos corpos, gênero e sexualidade: reflexões sobre o cotidiano das escolas. **Lecturas EF Deportes**, Buenos Aires, ano 14, n. 134, Jul. 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd134/governo-dos-corpos-genero-e-sexualidade.htm> Acesso em 19 de março de 2020.
- GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação CBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, mar. 2010.
- LOPES NETO, A. A. Bullying: **comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria, v. 8, n. 5, p. 164-172, 2005.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: **pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999b. p. 7-34.
- SILVA, C. A. F; DEVIDE, F.P. **Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de educação física escolar**. Revista Brasileira Ciências do Esporte, Campinas, p. 181-197, 2009.